
SALA DE AULA, QUE ESPAÇO É ESSE? NARRATIVAS DE DISCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA SOBRE COTIDIANO ESCOLAR

Priscila Brandão Casadoⁱ
Universidade Federal de Sergipe
E-mail: priscila.casado@hotmail.com

Introdução

A escola pública possui como papel fundamental mediar o desenvolvimento dos educandos, levando-os a se tornarem sujeitos críticos e participantes. Dessa forma, a instituição escolar não deve ser apenas um espaço de aprendizagem e transmissão de conteúdos, mas também de socialização, onde as relações sociais construídas possam se tornar importantes facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o estudo do cotidiano se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conhecimentos, seja na veiculação das crenças e valores, “(...) nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano escolar” (FAZENDA, 2006, p. 39).

À luz desta reflexão, este trabalho se volta para as experiências e vivências dos indivíduos que participam e constroem o cotidiano escolar. Assim o trabalho em tela visa compreender e identificar as razões pelas quais alunos de uma escola da rede pública estadual da cidade de Aracaju/ Sergipe, ausentam-se frequentemente da sala de aula, mas permanecem no espaço escolar. Segundo a mesma autora

a importância do estudo do cotidiano escolar se coloca aí: no dia-a-dia da escola é o momento de concretização de uma série de pressupostos subjacentes à prática pedagógica, ao mesmo tempo que é o momento e o lugar da experiência de socialização que envolve professores e alunos, diretor e professores, diretor e alunos e assim por diante (FAZENDA, 2006, p. 40).

A ideia para o desenvolvimento dessa pesquisa surgiu a partir de observações diárias do cotidiano desses alunos durante o horário de aula. As observações só foram possíveis devido à função de oficial administrativo que exerço nessa instituição, fato que possibilitou uma maior aproximação com os estudantes e com suas rotinas. Dessa forma, foi possível perceber que significativo número de alunos vai à escola e não frequenta as aulas, no entanto permanecem dentro do espaço escolar.

Tal situação me instigou a estudar o cotidiano como forma de compreender a realidade escolar, pois através de sua análise é que podemos “(...) melhor entender as

ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos constitutivos da realidade escolar, tendo em vista a sua transformação” (PENIN, 1995, p.13). Acreditamos também que para realização de uma análise mais efetiva faz-se necessário compreender o significado da infância no interior das práticas familiares cotidianas, tendo em vista que ambos possuem uma estreita relação. Por esta razão, nesta pesquisa os olhares se voltam para os próprios sujeitos entrevistados e algumas de suas percepções e experiências de vida, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre do ano de 2010, em uma escola da rede pública estadual da capital sergipana localizada em um dos bairros de elite da cidade. Foram entrevistados oito (08) alunos de 6º ao 9º ano do ensino fundamental, do turno matutino, atendendo ao critério de serem discentes com elevados índices de ausência à sala de aula e de registros de advertências formais pelo comitê pedagógico da instituição escolar.

A entrevista foi realizada com alunos de ambos os sexos com uma média de idade variando entre 11 e 16 anos. Destes, apenas 03 moram em bairros distantes da escola (Santa Maria, Atalaia e Conjunto Marcos Freire – situado na cidade de Nossa Senhora do Socorro) e por isso necessitam acordar mais cedo já que se utilizam do transporte público para se locomoverem. Os demais residem em bairros circunvizinhos à escola.

Para que pudéssemos chegar às respostas às nossas inquietações, fez-se de suma importância a utilização da história oral como procedimento metodológico, visto que se constitui em “(...) uma das possibilidades para o estudo do meio, resgatando informações sobre práticas docentes, vidas de professores/ alunos, cotidiano escolar, vida que deixa registro somente na memória (...)” (SOUTO apud ANDRADE e STAMATTO, 2009, p. 118). Além disso, a intenção da pesquisa em se utilizar das técnicas da história oral está na capacidade desta “dar vozes àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos” (FERREIRA, 2000, p. 33).

A História Oral, como metodologia de pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, obtidos através de conversas

com pessoas e relatos orais. Para Meihy (2007, p. 72), “a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos”, centralizando os discursos como ponto fundamental das análises.

Por esta razão a pesquisa centralizou-se nas entrevistas aos alunos, a fim de que pudessem ser ouvidos seus relatos sobre suas trajetórias de vida e escolar. Para isso, fez-se necessário a elaboração de um roteiro de entrevista que contemplasse diversos aspectos da vida dos alunos tais como, perfil do aluno, trajetória escolar e de vida, aspectos do cotidiano escolar e relação com professores, alunos e funcionários, bem como com a própria família, pois consideramos que tais informações são de extrema importância para a compreensão das relações existentes entre suas experiências de vida e a forma como se relacionam no ambiente escolar.

Apesar de ser paradoxal, aproveitamos os horários em que os discentes estavam fora das salas de aula para a realização das entrevistas. Após as gravações os relatos foram transcritos, transformando as falas em documentos escritos, sempre respeitando as variações e os vícios de linguagem de cada entrevistado.

Discussão

A rotina escolar, na maioria das vezes, nos passa como algo despercebido, comum, corriqueiro. Não nos damos conta da diversidade de situações e fatos que ocorrem no dia a dia, e das inúmeras respostas que poderiam ser encontradas se analisássemos o cotidiano de forma mais aprofundada. Para Ezpeleta (1989, p. 22),

o que é cotidiano para uma pessoa, nem sempre o é para outras. Num mundo de contrastes como o da escola, começa-se a distinguir assim as múltiplas realidades concretas que vários sujeitos podem identificar e viver como “escola” e a compreender que ela é objetivamente distinta de acordo com o lugar em que é vivenciada.

Dentre as diversas situações ocorridas do ambiente escolar, uma, em especial, vem chamando à nossa atenção, a ausência dos alunos na sala de aula mas, a permanência destes dentro do espaço escolar. Fato cada vez mais comum e corriqueiro no cotidiano das escolas.

Sabe-se, contudo, que este tipo de situação também pode se encontrar intimamente relacionado com questões pessoais, motivos particulares que só poderão ser identificados a partir de um estudo individual de cada um desses sujeitos. Azevedo

(2005), afirma que a história de vida de cada discente não é uma história apenas pessoal, descolada dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais que existem. O que existe, na verdade, são relações estabelecidas entre os sujeitos das escolas e entre os diferentes contextos de vida vividos.

De acordo com as narrativas dos discentes, todos deram indícios de desestruturação familiar, seja pela separação dos genitores, ou por motivos como alcoolismo, violência física ou abandono além de apresentarem baixo nível sócio-econômico. Ao serem questionados sobre o estímulo dado pela família aos estudos, a maioria dos alunos relatou que ele existe, mas de forma pouco efetiva. Ou seja, não há uma participação ativa na vida escolar do aluno, nem tampouco uma relação mais estreita com a escola.

Com relação à trajetória escolar, verificou-se que 50% são alunos que sempre estudaram na rede pública e estão atualmente nesta unidade de ensino por motivos diversos, tais como, falta de vaga ou oferta das séries, em que estão estudando, em escolas próximas a suas residências; indisciplina; proximidade ao local onde moram.

Outro aspecto salientado diz respeito aos índices de reprovação entre eles, 60% dos alunos já sofreram reprovações e destes, 66,7% já reprovaram mais de uma vez. Dentre as disciplinas que os levaram à reprovação, matemática, geografia e história foram responsáveis por 66,7% dos casos.

Um número significativo de alunos produziu narrativas que nos levaram a identificar que, na maioria dos casos, o motivo para a ausência destes à sala de aula está relacionado às metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula. Estas práticas foram descritas pelos discentes como “chatas” e pouco motivadoras tendo em vista a forma como são ministradas, ou seja, através de transmissão oral, cópias e memorização de conteúdos.

Ao serem questionados sobre as suas ações fora da sala de aula, os discentes apontaram como suas principais atividades: conversar pelos corredores; paquerar; “perturbar” os outros colegas e ficar passeando pela escola. Já no que diz respeito ao tipo de relação que possuem com os professores, apenas 40% consideraram-na boa enquanto 60% dos alunos a definiram como péssima. Com os outros alunos e demais membros da escola, os alunos sinalizaram para uma boa relação, apenas os mais

indisciplinados apontaram ter problemas com a direção em virtude de serem repreendidos constantemente.

Todas as informações obtidas apontam para a necessidade de uma profunda reflexão sobre o papel socializador da escola, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores e a função da família nesse processo.

Considerações Finais

Ao confrontar dados concretos e as narrativas dos discentes tivemos como objetivo compreender como se desenvolve o cotidiano escolar e identificar pistas para sua transformação no sentido de promover com sucesso a aprendizagem escolar dos alunos.

Para isso, considerou-se de fundamental importância os estudos de história oral, que além do conhecimento teórico nos auxiliou na compreensão da dinâmica que envolve o cotidiano dos sujeitos entrevistados, oportunizado pela análise de suas narrativas. Somente desta forma passamos a compreender a necessidade de ser repensado o papel da instituição familiar na formação social e escolar dos indivíduos, bem como a necessidade de um estreitamento na relação escola/família, tendo em vista que o apoio familiar é decisivo, tanto no que diz respeito à relação afetiva, quanto ao acompanhamento da vida escolar dos alunos.

No entanto, é preciso que a escola, em parceria com os professores, reflita sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas passando a valorizar a história pessoal de cada indivíduo e buscando adequar os conteúdos a realidade mais próxima dos alunos. Faz-se necessário também não deixar que as práticas escolares se restrinjam a métodos arcaicos e repetitivos, mas, sim, envolver um processo de reconstrução destas visando à construção de conhecimento mais significativo.

ⁱ Graduanda do curso de Pedagogia orientada pelo Professor Doutor Paulo Heimar Souto licenciado em História e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É professor do Departamento de Educação e Diretor do Departamento de Apoio Pedagógico/ PROGRAD da UFS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. M.V de; STAMATTO, M. I.S (Org.). *História ensinada e a escrita da História*. Natal, RN: Ed. EDUFRN, 2009.
- AZEVEDO, Joanir Gomes de. *Cotidiano Escolar, Formação de Professores(as) e Currículo*. Org. Carlos Eduardo Ferrazo. São Paulo. Cortez. 2005.
- EZPELETA, Justa. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1989.
- FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz- Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PENIN, Sonia. *Cotidiano e escola: A obra em construção*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.